

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Nina Rodrigues (1862-1906) e a análise da psicologia social de negros e mestiços

Ana Cláudia Costa Pereira¹

Resumo: A presente comunicação faz parte do projeto original que tem como tema “A constituição do negro como objeto científico no Brasil do século XIX: Nina Rodrigues e papel da medicina no campo social”. Objetivando refletir, a partir de uma abordagem epistemológica, sobre os trabalhos do médico maranhense Nina Rodrigues (1862-1906) estabelecemos aqui um recorte dentro do tema mais abrangente da pesquisa original a respeito da análise da psicologia social de mestiços e negros elaborada por este autor, com o intuito de compreender seus objetos de pesquisa. As fontes aqui selecionadas se encontram em "*As Coletividades Anormais*", editada por Arthur Ramos em 1939, e é composto por artigos de Nina Rodrigues cujo tema principal está centrado na associação entre criminalidade, questão racial e a relação desta com a psicologia social.

Palavras-chave: Loucura; psicologia social; raça, mestiço e negro

Como raça e loucura pôde se articular, não é difícil pensar levando em consideração que tanto raça quanto mestiçagem perpassaram as discussões sobre a sociedade brasileira do século XIX, mais precisamente no último quarto do século.² Essas categorias estavam presentes na produção de saberes no Brasil, assim como na constituição inicial de especialidades, em campos do saber, como a medicina-legal, a psiquiatria e a antropologia. Áreas que Raimundo Nina Rodrigues percorreu e contribuiu.

A cientificidade atribuída a essas categorias permitiu observações e práticas por autores como Nina Rodrigues. Dedicado aos seus estudos sobre o negro, teorizou sobre o que ele definiu como “loucuras epidêmicas” a partir de uma análise da psicologia social ou, assim como o título de um dos seus textos, a psicologia das multidões. Rodrigues viveu entre 1862 e 1906, natural do Maranhão, foi na Bahia que ele estabeleceu-se e onde produziu a maior parte de seus estudos.

¹ É graduada pela Universidade Federal da Faculdade de História. Atualmente, é bolsista CAPES e desenvolve pesquisa em nível de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em História - UFG, sob orientação do profº Drº Tiago Almeida.

² Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Produzindo em um contexto de Abolição e Proclamação da República, alinhou-se às questões colocadas pela intelectualidade brasileira nesse momento sobre a definição do povo brasileiro e a constituição de uma nação civilizada.

Como bem observou Mariza Corrêa, em um estudo de fôlego em que analisa a produção teórica e a atuação de um grupo de médicos que se auto designavam como membros da Escola Nina Rodrigues, que antes de serem metodologias utilizadas pelas ciências sociais, os estudos de caso, os levantamentos genealógicos e o método comparativo tenham sido procedimentos comuns ao trabalho científico entre os médicos. As fontes selecionadas para esta apresentação são exemplares. Publicado originalmente na Revista Brasileira, em novembro de 1897, o texto "A loucura epidêmica de Canudos", apareceu também nos *Annales Medico-Psychologiques* de Paris em 1898, e mais tarde em 1939 em *As Coletividades Anormais*, editada por Arthur Ramos, que reúne artigos de Nina Rodrigues cujo tema principal está centrado na associação entre criminalidade, questão racial e o estudo da psicologia social de mestiços e negros. A outra fonte, que também é um dos textos que compõem o volume de *As Coletividades*, é a "Loucura das Multidões", que além de retomar a análise de Antônio Conselheiro, discute a sugestibilidade coletiva do contágio mental, ou melhor, as epidemias de loucuras. Dentre as principais referências do médico maranhense, encontram-se principalmente clínicos franceses, como Charcot, Séglas, Falret, Lasègue. Isso se deve a importância dada ao terreno psicopatológico da psiquiatria. Veremos que a psicopatologia comparada de Nina Rodrigues é o suporte por meio do qual ele consegue especificar o funcionamento mental de negros e mestiços, considerados primitivos.

Começamos com o seguinte trecho: "Antônio Conselheiro é seguramente um simples louco. Mas a loucura é daquelas em que a fatalidade inconsciente da moléstia registra com precisão instrumental o reflexo senão de uma época pelo menos do meio em que elas se geraram."(RODRIGUES, 1939, p. 42). Nas palavras que se seguem, percebemos a importância atribuída ao meio sociológico do meio em que se organiza a loucura para o autor. Isso porque, segundo Rodrigues, é a partir dessa perspectiva que é compreensível a cristalização do "delírio" de Antônio Conselheiro, que encontrava-se no terceiro período da sua psicose progressiva. Essas colocações situam-se no diagnóstico dado a Antônio Maciel, fundamentadas na classificação de delírio crônico de Magnan, equivalente a psicose sistemática progressiva de Garnier, ou a paranóia primária dos italianos etc. Mobilizando todos os conceitos modernos da psiquiatria e suas variadas classificações, como a teoria da degeneração de Bénédict Augustin

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Morel, é que Rodrigues vai fundamentar seus resultados de pesquisa na hereditariedade. Sandra Caponi³, ao estudar o conceito de degeneração, em seu livro “*Loucos e Degenerados uma Genealogia da Psiquiatria ampliada*”, mostra como este conceito ingressa no âmbito da psiquiatria como saber legítimo e consolidado com Magnan, não por acaso Nina Rodrigues vai utilizá-lo, traçando um diagnóstico para a loucura de Antônio Conselheiro, baseado no delírio crônico de Magnan. No entanto, Rodrigues, preocupado com as manifestações mentais patológicas, adota uma abordagem comparativa para estabelecer como essas doenças mentais se dariam de maneira particular no caso brasileiro; é o que o médico vai definir como *etnologia patológica*. É dentro desse quadro de análise que Nina Rodrigues vai se dedicar ao problema o Negro, do produto de seus cruzamentos, os mestiços, e posicioná-los como seus objetos científicos privilegiados. Observemos que um dos momentos mais interessantes dessa análise situa-se logo após que Rodrigues trata de descrever a história de vida pessoal de Maciel, para enquadrá-lo no que ele chama de psicose primitiva e justificar sua loucura. O autor observa:

E cada vez mais encarnado no papel de enviado de Deus, desde então Antônio Conselheiro prosseguiu imperturbável nas suas missões, até o advento da República, em 1889. Este acontecimento político devia influir poderosamente para incrementar o prestígio de Antônio Conselheiro, levando-o ao terceiro período da psicose progressiva. Veio ele desdobrar o delírio religioso do alienado, salientando o fundo de perseguição que, tendo-lhe acompanhado sempre, como e de regra na sua psicose, como reação contra os maçons e outros inimigos da religião, por essa ocasião melhor se concretizou na reação contra a nova forma de governo em que não podia ver se não um feito dos seus naturais adversários. As grandes reformas promulgadas pela república nascente, tais como separação da Igreja do Estado, secularização dos cemitérios, casamento civil etc., estavam talhadas de molde a justificar essa identificação. Personificado no governo republicano o adversário a combater, Antonio Conselheiro declarou-se monarquista. (RODRIGUES, 1939, p. 45)

As questões relacionadas a uma validação da afirmação de uma loucura ou não sobre Maciel, é um compromisso que não pertence ao escopo desta comunicação. Mas conseguimos refletir e analisar a perspectiva médica sobre esse evento, que foi Canudos, a partir de textos como os aqui apresentados. Pertencente a uma perspectiva evolucionista, Nina Rodrigues, não

³ Sandra Caponi é doutora em filosofia e professora da Universidade Federal de Santa Catarina.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

conseguiu perceber elementos importantes relacionados às representações do que significaram essas mudanças sociais e políticas, desencadeadas com a República. É em termos de loucura, que Canudos vai ser analisada, e é pelos meios mais modernos e científicos de época que o autor consegue fundamentar seus argumentos sobre a inferioridade do funcionamento mental que não compreende ou resiste a essa nova forma de governo. Rodrigues vai identificar todo o comportamento do Conselheiro com um delírio. É em termos de anomalia que o médico analisa o movimento de Canudos. Ao destacar as sucessivas expedições militares para reduto e seus insucessos, Rodrigues não tem dúvidas que a loucura de Conselheiro é resultado de uma psicologia de época e o meio que contribuiu para o que ele chamou de “epidemia vesânica”. Se tratando de “leis que regem a manifestação epidêmica da loucura são precisamente as mesmas que Lasègue e Falret formularam desde 1877 para o caso mais simples do contágio vesânico, o caso do delírio a dois. Três momentos históricos reconhecem essas leis”(RODRIGUES, 1939, p. 48). A partir de uma teoria da sugestibilidade é que Nina Rodrigues destaca esses três momentos fundamentais para uma loucura coletiva. O primeiro deles está relacionado à existência de um elemento ativo, esse elemento é o delírio que acaba por se impor a multidão que passa a representar o elemento passivo do contágio. Em segundo momento, a convivência é indispensável por um período prolongado, partilhando de uma vida em comum e partilhando dos mesmos sentimentos. O contágio do delírio requer também "um caráter de verossimilhança”, que seria melhor definido por aquilo que os aproximam e acreditam os contagiados. Transpondo para o que o autor considera observar na prática, destaca:

Em Canudos, representa de elemento passivo o jagunço que corrigindo a loucura mística de Antônio Conselheiro e dando-lhe umas tinturas das questões políticas e sociais do momento, criou, tornou plausível e deu objeto ao conteúdo do delírio, tornando-o capaz de fazer vibrar a nota étnica dos instintos guerreiros, atávicos, mal extintos ou apenas sofridos no meio social híbrido dos nossos sertões, de que o louco como os contagiados são fiéis e legítimas criações. Ali se achavam de fato, admiravelmente realizadas, todas as condições para uma constituição epidêmica de loucura. O jagunço é um produto tão mestiço no físico, que reproduz os caracteres antropológicos combinados das raças de que provém, quanto híbrido nas suas manifestações sociais, que representam a fusão inviável de civilizações muito desiguais. (RODRIGUES, 1939, p. 49)

Julgando demonstrar um caso de manifestação epidêmica da loucura por meio de contágio vesânico, ao definir o *jagunço* como um produto mestiço, nos mostra uma das questões

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

fundamentais por meio da qual são desenvolvidas suas análises, a raça. Para Rodrigues, o mestiço era produto de cruzamentos muito diferentes e por esse motivo resultaria sempre em algum tipo de degeneração física e/ou mental. A preocupação do médico em definir cientificamente as raças brasileiras, surge da necessidade de identificar como as três raças fundamentais, a negra, o índio e a branca, transmitiriam aos seus descendentes caracteres patológicos diferenciais de valor. Atribuindo um valor patogênico à resistência em que caracterizou Canudos, ao mesmo tempo, Rodrigues, destaca a importância da compreensão do elemento belicoso que tomou Canudos, isso porque para que outro fosse o sentimento político do sertanejo, “era preciso negar a evolução política e admitir que os povos mais atrasados e incultos podem, sem maior preparo, compreender, aceitar e praticar as formas de governo mais liberais e complicadas.”(RODRIGUES, p. 51). O estágio inferior da evolução social em que se encontrava o sertanejo, impossibilitava a aceitação da substituição do representante do poder, e por esse motivo se tornava completamente compreensível a reação da população sertaneja. Como destaca Rodrigues:

Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza, e por muito tempo ainda o presidente da República, os presidentes dos Estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses. Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância, do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto. O que é pueril e exigir que essas populações compreendam que a federação republicana e a condição, a garantia da futura unidade política de um vasto País em que forçosamente hão de concorrer povos, muito diferentes de índole, de costumes e de necessidade, o que requer uma elasticidade de ação que não poderia oferecer a centralização governamental da monarquia. O que não se pode exigir delas e que reconheçam que as dificuldades do momento são a consequência lógica e natural dos ensaios, tentativas e experiências de adaptação do povo que procura a orientação toda pessoal que mais lhe há de convir na nova organização política. Para essa população, o raciocínio não pode ir além da comparação da situação material do País antes e depois da República. A monarquia eram os víveres baratos, a vida fácil; a república e a vida difícil, a carestia dos gêneros alimentícios, o câmbio a zero. Por seu turno, não é peculiar a Canudos a tendência a se constituir em uma epidemia vesânica de caráter religioso.(RODRIGUES, p. 51-52)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O caráter religioso da epidemia, segundo o autor, prova ao mesmo tempo que a sociedade brasileira é profundamente “fetichista”. Fetichista aqui relacionado a disposição religiosa, mística dessa população, cuja composição racial dessa era constituída por uma maioria negra e mestiça. Isso porque, a possibilidade de uma figura impressionante ou enviado de Deus, desempenhada por um delirante crônico, pôde se tornar um elemento ativo da epidemia de Canudos por influência desses elementos. Mas foi o instinto belicoso, herdado por essa população do indígena americano, que consistiu no “segredo da bravura e da dedicação fanatizada dos jagunços que, de fato, se batiam pelo seu rei e pela sua fé.” (RODRIGUES, p. 60). A bravura considerada por Nina Rodrigues, apesar de se apresentar como uma característica positiva herdada da população indígena, ainda sim compõem o quadro de degeneração dessa população. Quadro esse que, segundo o autor, justifica o evento que se tornou Canudos, assim como todo o comportamento da população, tida como normal, julgando a parada no desenvolvimento evolutivo da espécie humana que eles se encontravam, retornando a sua “versão primitiva”.

Em “A loucura das Multidões Nova contribuição ao estudo das loucuras epidêmicas no Brasil”, a outra fonte aqui elencada, o objetivo de Nina Rodrigues é realizar um estudo clínico do *meneur* e das condições psicológicas da multidão que o segue. Assim como a influência patológica nessas multidões, É citando, Richer e Sergi, por exemplo, que Rodrigues vai analisar as psicoses epidêmicas, assim como o papel da sugestão coletiva no contágio mental, com o intuito de contestar a posição de Tarde e Sighele, sobre o não reconhecimento nos alienados da capacidade de se associarem, considerando o isolamento em que eles vivem como característica da loucura. Em relação ao papel das loucuras nas multidões, o autor discorda de Sieghele sobre a incapacidade de associação dos loucos. Apesar disso:

Todos os autores, entretanto, são acordes em reconhecer que a multidão, por mais numerosa que seja, não é simples reunião de indivíduos. A multidão é, sobretudo, uma associação psicológica. É na aquisição de uma individualidade psíquica própria, diferente da constituição mental de cada uma das partes componentes, que reside a característica da multidão. Nela desaparecem as diferenças, as desigualdades, as individualidades, para a formação de uma unidade psicológica onde domina o caráter inconstante e impulsivo dos primitivos. (RODRIGUES, p. 62)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Preocupado em estudar mais profundamente as causas que teriam levado milhares de pessoas a se associarem e apresentarem os mesmos sintomas patológicos é que Rodrigues vai utilizar a teoria sugestiva-imitativa como base argumentativa, definindo a multidão como um caso de associação psicológica. No entanto, o autor também apresenta os limites dessa teoria e destaca a incapacidade desta dar respostas satisfatórias para casos de excessos, de criminalidade e de violência nas multidões. Rodrigues então, apresenta a loucura como um elemento fundamental na análise das multidões. Isso aparece nas fontes aqui selecionadas, como o estudo feito sobre Antônio Conselheiro, e as observações que apresenta em a "A loucura das Multidões", como o caso do povoamento de Pedra Bonita, em Pernambuco, que teve como agentes os beatos João Santos e João Ferreira. Muitos são os exemplos trazidos por Nina Rodrigues para colocar a loucura no centro dos estudos desses movimentos. Essa abordagem localizada nos estudos do sociólogo Gabriel Tarde e do criminalista Spicio Sighele, vai ganhar complementaridade com os conceitos de “loucura comunicada”, de autores como Lasègue e Falret, conhecidos por seus estudos sobre folie à deux, referindo-se a relações patológicas de um delírio compartilhado e “estado de multidão” do antropólogo Gustave Le Bon. Dessa forma, segundo Rodrigues, a loucura poderia exercer um papel comunicativo, tanto com um outro alienado quanto com uma pessoa sã. Essa classificação poderia se encontrar das seguintes formas:

- 1º Entre dois indivíduos sãos e normais; é a coppia sana, o par são de Sighele;
- 2º Entre dois indivíduos sãos, porém anormais; é o par criminoso, o par suicida, etc.;
- 3º Entre o alienado que tem aparências de razão e o indivíduo são, mas de inteligência limitada, que se torna apenas um convencido;
- 4º Entre o indivíduo alienado e o indivíduo são, mas predisposto e que se torna alienado;
- 5º Enfim, entre dois alienados. (RODRIGUES, p. 74)

Portanto, o importante para Rodrigues é estabelecer a diferença em um “caso de loucura imposta” e uma “associação entre um alienado e um indivíduo normal”. Isso deve ser feito ao observar as circunstâncias distintas que deram início à morbidade. Outro elemento que necessitava de atenção, acima da loucura a dois, são os casos de “contágio doméstico”, onde a loucura comunicada integraria mais indivíduos; e pela quantidade de pessoas atingidas, já poderiam ser considerados endêmicos. No entanto, estas ainda estavam abaixo do que representam verdadeiras epidemias, como as que irrompem nas corporações religiosas, segundo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o autor. Ao destacar o delírio religioso, Rodrigues mostra, como esta condição pode ser apresentada, “quer por verdadeiros alienados, quer por predispostos, por degenerados, quer ainda por doentes portadores de grandes neuroses.” Todas essas discussões e as que perpassam todo o trabalho, relacionam-se ao mesmo tempo com a perspectiva racial a qual o autor se vincula, assim como suas análises sobre a predisposição a patologias degenerativas em negros e mestiços, como é considerado o caso da loucura. Uma outra preocupação do autor estava relacionada ao que ele chamou de "responsabilidade jurídica da multidão", isso porque esta deve desaparecer completamente “nos casos que é indiscutível o verdadeiro delírio coletivo, devendo ser atenuada a pena nos estados de multidão menos intensos, porque os instigadores e os chefes são sempre suspeitos de um forte desequilíbrio mental.” Essa preocupação jurídica foi uma constante nos trabalhos de Nina Rodrigues em que se dedicou a estudar as relações entre criminalidade, raça e doenças mentais. Dado a importância atribuída ao que o autor chama de “problema negro” e aos mestiços, foi por meio destes que desenvolveu estudos pioneiros em campos do saber como ao que ele chamou de psicologia social, assim como trabalhou para estabelecer especialidades como a medicina-legal. É baseado em um aparato científico de época que Rodrigues vai analisar o comportamento desses sujeitos, situando-se na escalada da evolução da espécie humana.

Considerações Finais

A problematização levantada neste recorte do trabalho foi, sobretudo, sobre como a psicologia, especificamente social, foi pensada e analisada com o intuito de justificar não só comportamentos, mas a relação dessas com a raça de modo geral, e dessa forma perceber a peculiaridade do autor no contexto cultural e histórico o qual estava inserido. Uma vez que ao adotar teorias específicas, adequou-as a casos particulares brasileiros. As fontes, aqui apresentadas, são alguns dos trabalhos em que Nina Rodrigues aborda as questões relacionadas a psicologia, a medicina-legal e a antropologia. Trabalhos que perpassam a preocupação com esses sujeitos marginalizados, para classificá-los, medi-los e analisá-los a partir de teorias que fundamentavam o caráter científico dessas abordagens raciais. E é a partir disso que as discussões travadas sobre a anormalidade ou normalidade pelo médico, ao analisar negros e mestiços, estava dentro de uma norma estabelecida de época da existência biológica de espécies superiores e inferiores.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Tratando-se de entender as condições que permitiram que a raça e a mestiçagem fossem pensadas como “objetos científicos” no Brasil do século XIX, é que nos debruçamos sobre os trabalhos de Nina Rodrigues, que dedicou tantas páginas aos “problemas” do negro e do mestiço. Portanto, o que percebemos ao analisar as fontes e ao realizarmos uma reflexão sobre estas, é que a questão racial motivou atores como Nina Rodrigues a tratar o negro e o mestiço, primeiro como objeto científico. Ao tomá-los assim questionou a igualdade jurídica desses sujeitos, julgando a relatividade do conceito de justiça para povos com diferentes graus de evolução mental, é que o médico se contrapõe à uniformidade da legislação. É sob esse ponto de vista que Nina Rodrigues defende a impossibilidade de um Código Penal nacional⁴ que abarque toda a população, pois, por serem as raças biologicamente distintas, os sistemas culturais também o são e assim também seria distinta a noção de Justiça. Ao dedicar-se ao problema “o Negro” no Brasil, assim colocado também por seu principal interlocutor, e possivelmente que o motivou a apresentá-lo nesses termos, Silvio Romero; Nina Rodrigues tratou o tema a partir do seu campo de atuação, a medicina. E seus esforços foram em direção a uma associação entre raça, crime e doenças. O autor acreditava que esses temas deveriam ser tratados de modo científico, daí a necessidade de uma classificação racial, que iluminaria o campo médico e o estudo das doenças no Brasil.

Fontes

NINA RODRIGUES, R. (1939). "A loucura epidêmica de Canudos". In *As coletividades anormais*. Organização, prefácio e notas de Artur Ramos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 50-77.

_____(1939). "Os mestiços brasileiros". Op. cit., pp. 195-205.

_____(1939). "A loucura das multidões - nova contribuição ao estudo das loucuras epidêmicas no Brasil". Op. cit., pp. 78-152. (1935).

_____(1957). *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. 4.ed. Salvador: Livraria Progresso, 1957.

⁴ Ver: RODRIGUES, Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. 4.ed. Salvador: Livraria Progresso, 1957. Na *Introdução* deste livro o autor deixa claro seu objetivo: “simples ensaio de psicologia criminal brasileira, destinado a ser profundamente retocado.”

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

RODRIGUES, Nina. Mestiçagem, degenerescência e crime. V. 15, n. 4, p. 1151-1182, out. – dez. 2008.

Bibliografia

CANGUILHEM, Georges. O normal e o patológico. Trad. Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CAPONI, Sandra. Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012.

CAPONI, Sandra. Magnan e A classificação das patologias psiquiátricas. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 167-182, jul | dez, 2011.

CORRÊA, Mariza. As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil. 2.ed. Bragança Paulista, EDUSF, 2001.

FOUCAULT, Michel. Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade (orgs.). Médicos intérpretes do Brasil. São Paulo: Ed. Hucitec, 2017.

ODA, Ana Maria G. R. Alienação mental e raça: a psicopatologia comparada dos negros e mestiços brasileiros na obra de Raimundo Nina Rodrigues. 2003. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.